

# PsittaScene Verão de 2015

Tradução por André Becker Saidenberg

## Sumário

- 2 mensagem da Editora - *Desi Milpacher*
- 4 Busca pelas Cacatuas bateristas - Compreendendo as esquivas Cacatuas das palmeiras
- 10 Páginas Pet: O psitacídeo que grita - estratégias de modificação de comportamento.
- 12 De volta ao Brasil: Estórias de conservação na América do Sul.
- 18 PsittaNews: Notícias e Eventos, contatos do WPT.
- 20 Psitacídeos na natureza - *Aratinga mitrata*.

## Mensagem da Editora

Estou sentada aqui escrevendo isso e refletindo sobre como as pessoas podem fazer uma tremenda diferença no mundo. As pessoas *podem* e *tem* um impacto - e nem sempre é negativo. Uma pessoa que fez uma grande diferença para o World Parrot Trust é Evet Lowen. Evet tem sido uma amiga e apoiadora do Trust - sua inteligência, intuição e filantropia tem sido além das expectativas.

Acima de tudo, ela tem uma paixão contínua pelos psitacídeos - e por sugestão do Diretor Jamie Gilardi, ela decidiu fazer uma viagem de volta a um país que conheceu no passado e adorou visitar dois dos projetos do WPT que ela apoiou. Foi em suas palavras uma transformação, ela observou o incrível trabalho sendo feito pelos psitacídeos no Brasil, e percebeu o seu papel nisso - uma coisa muito poderosa. A primeira parte de sua notável viagem é descrita nessa edição.

O mesmo pode ser dito dos pesquisadores em campo - as pessoas que estão em campo - as pessoas que estão no marco inicial, do esforço de compreender os psitacídeos e a sua ecologia. Pessoas como Christina Zdenek, veterana de vários anos de pesquisa com a cacatua das palmeiras. Ela e o líder de projeto Rob Heinsohn estão em missão para descobrir o significado das batucadas peculiares está descrito aqui. É tudo em nome da ciência: agarrar as sutilezas do comportamento de psitacídeos é compreender as suas vidas - um poder incrível na luta para protegê-los.

Compreender os psitacídeos selvagens é uma coisa. Descobrir o que faz os nossos psitacídeos de estimação se comportar de certa maneira é outra - algo que tanto fascina quando confunde muitas pessoas. Lee McGuire é uma destas pessoas, e ela decidiu fazer de sua missão compreender melhor o comportamento de psitacídeos de estimação. Leia o artigo dela sobre como trabalhar com um tópico constante para umitos donos de aves de estimação: uma ave que grita muito.

Uma coisa que decidi sobre tudo isso: as possibilidades são infinitas. Uma pessoa

*pode* fazer uma grande mudança. E as pessoas juntas podem mover uma montanha. Nós podemos ajudar a desfazer um pouco do mal que acontece nesse mundo.

Desi Milpacher, Editora

### **Nas capas**

**FRENTE** Um casal de Cacatuas-das-palmeiras (*Probosciger aterrimus macgillivrayi*) aproveitando a brisa no Rio Lockhart, Queensland, Austrália. As Cacatuas-das-palmeiras constroem ferramentas para batucar feitas de galhos de árvores, mas as razões para fazer isso ainda são um mistério para os pesquisadores. Leia a Busca pelas Cacatuas bateristas, página 4. © Christina N. Zdenek

**VERSO** *Aratinga mitrata* se alimentado de frutos de caqui. Nativas da Argentina, Bolívia e Perú, os bandos introduzidos também vivem em umitos locais nos Estados Unidos, incluindo a Califórnia, Flórida e Havaí. © Mike Bowles & Loretta Erickson | californiaparrots.us

### **Busca pelas Cacatuas bateristas**

FOTOS E ARTIGO POR CHRISTINA N. ZDENEK

Imagine viver em um abatedouro abandonado. Agora imagine uma cobra Taipan de 2 metros - a terceira serpente terrestre mais venenosa do mundo - movendo através de seu dormitório durante o trabalho de catalogação de dados, ou um grande e velho touro bufando e batendo as patas enquanto te encara no meio da mata. Isso é pesquisar cacatuas, e essa é a estória da busca por gravar o seu raro e extraordinário comportamento de batucar nas remotas regiões da Península do Cabo York.

Na Austrália, é somente na ponta do Cabo York que a magnífica Cacatua-das-palmeiras (*Probosciger aterrimus*) pode ser encontrada. Sendo a mais pesada cacatua do mundo (das 21 espécies), assim como uma das maiores, ela também tem um bico poderoso e uma comprida crista, que pode levantar e baixar dependendo de seu humor. E como se o esplendor físico não fosse surpreendente o suficiente, a ave possui um hábito excêntrico e único no mundo: batucar.

Adaptar um graveto para batucar numa árvore é claramente um uso de ferramenta, mas ao contrário dos chimpanzés e dos Corvos da Nova Caledônia que usam ferramentas para forragear, as Cacatuas-das-palmeiras não obtém nenhum benefício clórico do ato de batucar. Então porque fazem isso? Desde que foi descrita a sua descoberta em 1984, a batucada pelas cacatuas tem sido um mistério para a

ciência. O que esse comportamento bizarro resulta? E em que contexto ocorre? Essa pergunta e outras tem sido uma fascinação de longa data para Robert Heinsohn na Universidade Nacional da Austrália, mas não foi até recentemente, que a pesquisa por essas perguntas pode finalmente ser uma realidade. Agora tem se focado no Projeto Cacatua-das-palmeiras pelos últimos três anos com muitos sucessos.

Era Junho de 2012, eu peguei meu chapéu camuflado, amarrei minhas botas e sai para uma incrível jornada para encontrar e gravar as cacatuas batucando.

Por seis semanas, eu caminhei, e subi através da mata, seguindo essas evasivas cacatuas por quilômetros sem fim na região do Rio Lockhart. As manhãs frequentemente me deixavam ensopada da cintura para baixo, enquanto que as tarde normalmente terminavam com uma lanterna e GPS. A parte mais quente do dia tropical era gasta fazendo numerosas inspeções de ocos de árvores. Com o sol em meus olhos, meus braços lutavam para manter o bastão extensível de 10 metros vertical durante condições com muito vento.

Exatamente quando a câmera alcançou a entrada do oco de árvore para ter uma visão premiada do interior, formigas hostis (*Oecophylla smaragdina*) começam a atacar o intruso (eu) injetando quantidades de ácido fórmico em minha pele suada.

Desnecessário dizer, que apesar de muitos esforços e para muita frustração própria, a primeira tentativa de trabalho a campo foi um fracasso desapontador. Eu infelizmente não fui capaz de gravar nem mesmo uma sequência das cacatuas batucando naquele ano. Nos dois anos prévios à minha dissertação de mestrado, havia somente vista a batucada em oito ocasiões. Isso é menos do que uma vez por mês em média, ou uma a cada 130 horas de trabalho em campo. Então sabia o quão rara a batucada é e como as cacatuas são notoriamente difíceis de se estudar (devido a sua natureza cautelosa), mas zero em seis semanas foi notoriamente desalentador. Felizmente meu chefe, Rob Heinsohn, ainda possuía fé em mim.

Tentando esquecer os anos prévios de frustrações, eu juntei meu otimismo, agarrei meu equipamento de filmagem, e saí para a mata novamente. Foram extremos três meses e, fazendo jus ao interior Australiano, com fluxos e refluxos, baixos e altos. Algumas semanas foram completamente sem resultado, enquanto outras deixaram meus voluntários e eu incapazes de manter atualizada todas as informações, limpeza de cartões de memória, recarregando baterias, e salvando dados preciosos. Em uma ocasião, eu estava lentamente me aproximando de aves vocalizando, quando subitamente escutei o distinto som de batucada. Knock...knock, knock, knock. Madeira contra Madeira. Meu coração começou imediatamente a disparar.

Em desespero para obter uma linha de visão sem perturbar as aves visivelmente animadas, eu cuidadosamente fiz movimentos lentos de ioga sobre os grandes troncos e ao redor de folhas secas. Segurei minha respiração e observei através de

uma pequena abertura na folhagem. Ali estava a batucada! Eu senti como se um pequeno milagre ocorresse quando apertei o botão gravar e capturei tudo em filme. Com as bochechas das aves ruborizadas, a crista balançando, o corpo chacoalhando e as penas eriçadas, é difícil evitar antropomorfizar o comportamento com emoções aparentemente humanas.

Para muita surpresa minha e de meu supervisor, foi uma incrível estação de trabalho em campo. A persistência, assim como um pouco de sorte, levou a colossais 13 eventos de batucadas gravadas em vídeo.

Reconhecidamente, isso ainda era pouco para o tamanho de amostras e poder estatístico que necessitávamos para analisar adequadamente nossa informação. Mas felizmente, esse sucesso inesperado, ainda que notável, estimulou o interesse e mais apoio financeiro – dessa vez da fundação Herman Slade – permitindo uma terceira expedição de campo para nossa busca em capturar a batucada em vídeo.

Conforme Junho de 2014 se aproximava, “trabalhe com mais inteligência, não com mais esforço” era meu tema para uma tarefa aparentemente impossível: superar a gravação do último ano.

Após uma viagem de dois dias de carro cheia de estradas de terra e inumeráveis travessias de rio, eu cheguei novamente ao Rio Lockhart para minha quinta expedição para estudar as cacatuas. Olhei através da maravilhosa paisagem de mosaicos de floresta tropical e bosques, e senti como se uma tarefa tão grande como subir o monte Everest estivesse a minha frente. Dei um longo suspiro. “Um passo de cada vez” disse a mim mesma e fui em frente.

Com os radios UHF em mãos, meu voluntário (Lachlan Hall) e eu marcamos os locais ativos com as cacatuas como soldados bem treinados nos aproximando do alvo. “Lachlan você copia? Eu veja a fêmea no oco da árvore, mas não posso ver o macho. Onde você está?”. “Estou no outro ninho, me dirigindo para aí”. “Positivo, apresse-se, acho que eu o estou ouvindo próximo, preparando um graveto”.

**Crack, crack.** Meu coração acelerou, mas permaneci sem me mover. Se eu assustasse a fêmea, o macho também iria embora, e seu comportamento seria afetado. Felizmente, Lachlan corre rápido. “Eu posso escutar ele batucando. Você o vê?” Exausto da corrida ele responde, “Sim, eu posso ver, estou filmando, ele está batucando”. Eu limpei o suor das sobrancelhas. Enfim mais um.

Por seis semanas direto, nós não vimos a luz matutina no acampamento. Após sete terabytes de discos rígidos e um redemoinho de trabalho de campo e adicionando dados, o inimaginável se tornou realidade. Eu tinha mais do que dobrado os registros já impressionantes do ano passado, inclusive tendo gravado a mais incrível, e exata gravação de batucada que já tive até o momento (a ser liberada logo!).

Totalizando 681 horas de trabalho na floresta em busca das cacatuas em 2014, o número final foi um incrível 34 eventos de batucada gravados com sucesso em vídeo. Afinal, foi uma viagem de 9 meses e meio em campo por três anos com Rob e meu estudo. Agora, nós finalmente temos informações suficientes para analisar e descrever esse comportamento sensacional e de tirar o fôlego. Apesar de que não podemos revelar os resultados até que sejam totalmente analisados e publicados em revistas científicas, posso dizer que as Cacatuas das palmeiras continuam a nos impressionar com a complexidade desse comportamento.

### **Palm Cockatoo *Probosciger aterrimus***

**Onde é encontrada:** Norte da Austrália, Nova Guiné e ilhas adjacentes.

**Ecologia:** Notável, de comportamento nobre. Uma espécie que não forma bandos e viaja sozinha, em casais ou em grupos familiares de três. A vocalização começa ao amanhecer. Os machos se exibem intensamente com seu comportamento territorial.

**Status IUCN/CITES:** De baixo risco / Apêndice I

**População selvagem:** Reconhece-se que está declinando na parte leste do da distribuição na Austrália, mas não foram feitas pesquisas na parte leste de sua distribuição onde a mineração de bauxita é predominante.

**Aquele papagaio danado está gritando o tempo inteiro. Sua última fibra nervosa já desistiu. Seu parceiro está ameaçando te deixar e seus vizinhos estão reclamando violentamente sobre o barulho. O que você pode fazer?**

### **O PSITACÍDEO QUE GRITA**

**POR Lee McGuire**

Antes que vamos adiante, precisamos compreender o que exatamente queremos dizer com a palavra “guitar” já que é o comportamento específico em que estamos interessados. Quando falamos sobre psitacídeos “guitando” nesse sentido, estamos falando sobre *vocalizações altas, repetitivas e contínuas* de uma ave que está saudável. As vocalizações altas de uma ave que está doente caem em uma categoria diferente e não serão tratadas nesse artigo. Para os propósitos desse artigo nós iremos lidar com uma única ave. Aves múltiplas tem sua própria dinâmica em jogo.

Na situação doméstica, é muito mais frequente que os gritos resultam de uma vocalização de contato que aumentou de proporção. Como isso pode ter acontecido? Porque iria acontecer? Por um momento vamos esquecer de psitacídeos e pensar sobre nós mesmos. Você já chamou os seus filhos ou parceiro – e eles não responderam? O que você fez em seguida? Aposto que aumentou o

volume da sua voz e chamou mais alto – e ainda mais alto se eles não responderam.

O mesmo processo frequentemente se aplica a psitacídeos que chamam aqueles com quem vivem utilizando sons agradáveis que nós ignoramos, ou não escutamos porque nossos ouvidos não estão muito ligados no ruído de fundo que não chega ao limiar de irritação para cada um de nós. Nesse ponto o psitacídeo faz a mesma coisa que nós fazemos – eleva a voz para ser escutado. De maneira simples, nós inadvertidamente ensinamos essa psitacídeo a gritar mais alto e por mais tempo.

OK, agora que compreendemos como um psitacídeo pode aprender a gritar em algumas situações, o que podemos fazer sobre isso? Antes que comecemos a tentar resolver rapidamente por bem ou por mal, precisamos entender quando esse comportamento ocorre e o que essa ave em particular consegue quando grita. Se nós pegamos um bisturi e removemos todos os comentários editoriais que, nós humanos, temos tendência em fazer ao redor de cada comportamento, e olharmos o que acontece imediatamente antes (*antecedente*) e imediatamente depois (*consequência*) do comportamento, nós poderemos ver algo como os seguintes exemplos:

#### **EXEMPLO 1:**

**Antecedente:** A pessoa deixa a sala.

**Comportamento:** O psitacídeo grita.

**Consequência:** A pessoa abre a porta e diz “cale a boca”

**Resultado provável:** O psitacídeo irá gritar mais.

#### **EXEMPLO 2:**

**Antecedente:** A pessoa chega em casa depois do trabalho.

**Comportamento:** O psitacídeo grita.

**Consequência:** A pessoa diz olá baixo.

**Resultado provável:** O psitacídeo irá gritar mais.

Perceba que em cada um dos exemplos, a ave consegue algo de maneiras que nós podemos não esperar. Nesses dois casos, o que poderíamos pensar que é uma ação que iria reduzir o comportamento, está na verdade servindo como o que se chama de **reforço positivo** – um prêmio, do ponto de vista da ave, por gritar. Os exemplos mostrados são equivalentes em que a atenção humana é o fator que mantém isso na consequência.

Já que a ave e suas condições de vida em cada lar são únicas, esses cenários nos dão algumas hipóteses que proporcionam um vislumbre da função do comportamento. O que podemos fazer sobre isso? Podemos mudar o que acontece antes que o comportamento ocorra, reforçando sons que a ave faz com os quais nós suportemos, modificar o que acontece depois que ocorre o comportamento, ou podemos ensinar a ave alguns novos comportamentos, de modo que ela consegue outros reforços mais naturais. É assim simples e ainda assim complicado.

O período de tempo que leva para modificar o comportamento de gritar poderá variar. Gritar pode ser um dos comportamentos mais difíceis de modificar, mas pode ser feito – apesar de que um pouco de trabalho duro é necessário pelo humano no começo. Vamos observar algumas das possíveis modificações que poderão funcionar junto com as nossas agendas corridas.

## **MUDANÇAS ANTECEDENTES**

Antes que o comportamento de gritar ocorra, nós poderíamos:

Dar ao psitacídeo um tempo de atenção. Conversando, fazendo cafuné para limpar os canhões de penas numa ave em muda, ou ir para um local seguro e supervisionado na casa são alguns dos exemplos.

Se a ave está na gaiola, mude a gaiola de lugar ou o poleiro para uma área segura onde existe uma maior possibilidade de interagir com a família.

Proporcione oportunidades para forragear na gaiola e na área de brincadeiras para estimular comportamentos que podem ocorrer na natureza. Caixas de brinquedos pode conter uma parte da quantidade diária da comida, petiscos e/ou diferentes tipos de brinquedos para se pegar com os pés. Dependendo da ave, as caixas podem ser feitas de papelão, madeira, junco, aço inoxidável ou outros materiais não tóxicos.

Garanta que o psitacídeo faz exercícios o suficiente, seja correndo, voando ou alguma forma de exercícios de relaxamento. (aves cansadas tem menos predisposição para gritar).

Transforme em uma rotina ficar perto da ave por um minuto ou dois enquanto a ave está se comportando de maneira apropriada. Passando um momento para dizer “Como você vai?” pode fazer muito para prevenir o comportamento de gritar porque estamos proporcionando aquela atenção discutida acima ANTES que os gritos comecem.

## **MUDANÇAS DE CONSEQUÊNCIAS**

Se quisermos reduzir a quantidade de gritos que ocorrem, podemos reforçar outros comportamentos que servem como a mesma função de gritar.

Escolha alguns sons que a ave faz com os quais nós podemos viver à longo prazo. Assobiando, falando, sons suaves são sempre bons candidatas para se escolher e proporcionar atenção quando são feitos. Isso frequentemente significa que necessitamos treinar a nós mesmos para escutar aqueles sons quando eles ocorrem – ouça a suave vocalização de contato e responda.

Retire toda forma de atenção quando a ave está gritando. Isso é extremamente difícil para a maior parte de nós fazer já que vamos perder aquela última gota de paciência que discutimos anteriormente e responder de alguma maneira com um olhar ou alguma vocalização que fazemos. Portanto, não é recomendado responder à vocalização a não ser que sejamos capazes de capturar imediatamente o momento em que o psitacídeo está sendo bom no instante em que para de gritar.

Reforçar a duração mais longa de brincadeiras com brinquedos, picotar materiais adequados, relaxar no poleiro, ou como fazemos em nossa casa, rindo. Escolha comportamentos com os quais você possa aguentar a longo prazo e os encoraje.

## **ENSINANDO NOVOS COMPORTAMENTOS E HABILIDADES**

O mundo de possibilidades em que nossos psitacídeos habitam e o que podemos ensiná-los são intermináveis. Qualquer ensinamento irá servir como a função de se proporcionar a mesma atenção discutida acima, enquanto que também aumenta sensivelmente a quantidade total de reforço na vida diária de uma ave.

Seja o fato desse psitacídeo precisar a aprender a subir na mão, brincar com diferentes tipos de brinquedos, bater as asas, usar a gaiola como uma academia de ginástica se dependurando, ficar em um poleiro externo, vir quando é chamado, ou enter na caixa de transporte, nós podemos ensinar esses comportamentos. Comportamentos úteis podem enriquecer a vida de um psitacídeo e fazer com que seja mais comportamentalmente saudável, o que por sua vez, faz com que todos sejam um pouco mais felizes.

### **SOBRE O AUTOR**

Lee McGuire tem estado associada a psitacídeos para compreender tão eficazmente e se comunicar com eles por quase 50 anos. Inicialmente, o interesse dela na modificação de comportamento veio da chegada de uma *Aratinga mitrata* que bicava, mordida e tinha medo. Esse evento levou a uma busca contínua sobre estratégias de modificação de comportamento, e para a descoberta da Análise de Comportamento Aplicada (ACA). Lee tem um interesse especial em comportamentos de psitacídeos adequados no ambiente doméstico, e nas aplicações da ACA especialmente conforme esta se relaciona à moldagem do comportamento e fisioterapia.

Desde 2004, Lee tem sido a parceira de ensino da Dr. Susan Friedman e facilitadora



para o curso online dela “Vivendo e Aprendendo com Pistacídeos” e assistente para o curso profissional de ensino de comportamento “Vivendo e Aprendendo com Animais” ([www.behaviorworks.org](http://www.behaviorworks.org) ). Lee também compartilha o seu tempo e conhecimento com os sócios do WPT na seção “pergunte aos experts”, online no [www.parrots.org](http://www.parrots.org)

## **PARTE 1**

### **DE VOLTA AO BRASIL:**

#### **Estórias de conservação na América do Sul**

ARTIGO E FOTOS © EVET LOEWEN

*A amiga de longa data do WPT, Evet Loewen, compartilha as experiências de sua volta ao país onde viveu no passado e testemunha as suas contribuições em ação.*

#### **DIA 1. RETORNANDO AO BRASIL**

O vôo noturno da Delta desde Atlanta pousou em São Paulo, às 07:41 da manhã em 28 de Fevereiro deste ano. Minha viagem anterior ao Brasil havia sido no verão de 1974 para fazer um projeto de pesquisa de graduação, e eu estava compreensivelmente ansiosa e animada. Mais de 40 anos haviam passado desde que tinha estado no país.

Minha família viveu em Salvador no final dos anos 1960 e começo dos 1979. Eu retornei aos EUA em 1971, e entoa visitei novamente em 1972 e depois em 1974. Minhas memórias desse período da minha vida são coloridas, intensas e transformadoras.

Eu vinha de uma cidade conservadora no centro do Texas. A Bahia não poderia ter sido mais diferente. Desde as praias intocadas, à arquitetura colonial do tempo em que era a primeira capital do Brasil, até a música, samba, bossa nova, e a ainda recente música do tropicalismo, os vendedores de rua com acarajés na esquina atravessando a rua – tudo era novo e muito exótico, e muito Brasileiro. Achei os brasileiros carinhosos, extrovertidos, hospitaleiros, e desejosos de me ensinar Português e sobre a sua cultura. Isso continua verdadeiro até hoje.

Havia feito 17 anos recentemente quando minha família mudou para lá, e não entendia as implicações do que eu via nas ruas e em alguns hotéis e lojas – evidências do comércio de aves capturadas na natureza. Um dos melhores hotéis tinha grandes araras vermelhas sentadas em pequenas gaiolas na entrada. Um dia vi um Tucano toco em uma gaiola para venda em minha rua, e queria comprar, mas a minha mesada não me permitia e meus pais sabiam que daria trabalho. Eu

terminei comprando uma tapeçaria de um tucano desenhado, que até hoje ainda está comigo.

Minha mãe, por outro lado, comprou muitas espécies de aves pequenas trazidos até nosso apartamento pelos vendedores que provavelmente tinha recentemente capturado das áreas florestais ao redor da cidade. Nós o levávamos de carro até alguma área que achávamos que seria apropriada – se parecia selvagem e tinha árvores – mas não entendíamos que diferentes espécies precisam de diferentes habitats. Eles foram soltos na natureza no que hoje em dia chamaria de “soltura forçada”. Bem intencionada, mas não baseada cientificamente.

Essas aventuras de mais de 40 anos atrás ocorreram provavelmente antes das leis e regulamentos terem efeito no Brasil, para proteger as diversas e maravilhosas espécies nativas através do país. Essa viagem de 2015 seria dramaticamente diferente no fato de que a minha apreciação pela diversidade de espécies no Brasil haviam aumentado. Eu havia me tornado uma entusiasta de psitacídeos, e totalmente por acidentes, tenho tido muitas espécies de araras pequenas cujo habitat nativo inclui o Brasil (todas foram nascidas em cativeiro nos EUA). Com o passar do tempo, meu interesse nos psitacídeos migrou de uma colecionadora para protetora.

Então, quando o Diretor do World Parrot Trust, Jamie Gilardi, sugeriu que eu retornasse ao Brasil, e encontrasse o Diretor de Projetos no Brasil, André Saidenberg, visitando dois locais onde brasileiros e americanos estão se dedicando à conservação de psitacídeos. Eu sabia que tinha de ir.

Meus países no WPT são variados como voluntária – algumas vezes sirvo como voluntária para conselhos legais, dando meus conselhos pessoas sobre negócios; algumas vezes sou uma representante informal do Trust, especialmente para estudantes que me auxiliam a cuidar das minhas aves, e algumas vezes sou patrocinadora. Acho que Jamie queria que eu visse dois exemplos de situações onde as contribuições que fiz estavam realmente fazendo uma diferença para os psitacídeos.

Então foi com uma mistura de memórias e antecipação, e alguma ansiedade, que senti quando o avião pousou no Aeroporto Internacional de Guarulhos em São Paulo. Estava carregada de equipamentos para fotografia, alguns meus e alguns pertencendo ao WPT. Conforme passei pela alfândega e imigração, tentei discernir o que os brasileiros ao redor de mim estavam dizendo. Não era fácil. Se não se pratica, esquece, e eu havia esquecido *muito!*

## **UMA ILHA, PAPAGAIOS MOLEIRO, TIRIBAS-DE-TESTA-VERMELHA, PERIQUITOS-RICO E TUCANOS.**

Bem cedo na manhã de 28 de Fevereiro, conheci André, identificável pela camiseta de Ararajuba que estava usando.

Alugamos um carro no aeroporto, e nos dirigimos para uma viagem de 4 horas até um local chamado “Ilhabela”, uma ilha perto da costa do Atlântico em São Paulo onde Silvana Davino e Pablo Melero operam a Área de Soltura e Monitoramento Cambaquara. Pelo caminho passamos tanto por áreas densamente florestadas de Mata Atlântica, áreas onde muitas aves e outras espécies vivem, assim como grandes áreas desmatadas para gado. A diferença é bem gritante. André indicou que tais áreas florestadas ao redor da estrada eram todas de crescimento secundário.

Uma viagem curta de balsa é necessária para chegar até a ilha. Do continente, a ilha parece ser quase toda florestada. Essa parece ser uma área boa e seguro para uma operação de soltura e reabilitação feita por Pablo e Silvana.

Os aviários para se preparar os Papagaios-moleiro (*Amazona f. farinosa*), Tiribas-de-testa-vermelha (*Pyrrhura frontalis*); e Periquitos-rico (*Brotogeris tirica*) estão erguidos perto da residência. Mesmo com a presença humana na ilha, esta ainda é densamente florestada, já possui populações de aves selvagens e parece ser um local seguro para essas espécies.

Após me acomodar no quarto de hóspedes, logo saímos para um tour nos aviários. A coisa que eu me impressionei mais foi a incorporação de árvores frutíferas nativas dentro dos aviários – um processo necessário para aclimatizar qualquer espécie para um treinamento de “soltura branda” de volta à natureza.

Silvana me deu a oportunidade de alimentar na mão um filhote de Tiriba. Eu não havia feito isso desde que me venderam uma Arara severa (*Ara severus*), ainda não desmamada, a minha primeira ave chamada Pepper, em 1998. Eu sorri o tempo inteiro em que estava com esse filhote.

Pablo e Silvana são anfitriões generosos. Pablo preparou caipirinhas. Sentamos no deck e observamos tucanos selvagens voar até uma árvore bem alta – que visão!

Foi o final de um longo dia para mim – chegando em São Paulo logo cedo após um voo de 10 horas de Atlanta, conhecendo André pela primeira vez, dirigindo pela costa do Atlântico e pegando a balsa para encontrar Pablo e Silvana e ver os seus lindos aviários. Um sono profundo era realmente necessário. Então dormir!

## **DIA 2. CAMBAQUARA**

Na manhã seguinte, acordei com o som de Papagaios-moleiros passando e circulando por cima, com as respostas daqueles dentro dos aviários. Bastante barulhentos, mas música para os ouvidos de uma aficionada por psitacídeos! Pablo preparou o café-da-manhã com frutas frescas, cereais, e café. E então fomos para o caminho rochoso que desce até o oceano, para observar a água conforme o sol subia mais alto no céu.

E finalmente, olhar o trabalho sendo feito. O aviário de soltura estava sendo construído em uma encosta rochosa, então para colocá-lo no local e nivelar foi um grande feito de engenharia. Era cercado por todos os lados de vegetação e bastante privado, ainda assim as aves poderiam ter claramente uma boa visão do local ao redor delas – isso é importante para uma soltura branda bem sucedida onde as aves poderiam voltar ao aviário de soltura para alimentar e se proteger. Era animador ver como o aviário de soltura estava sendo meticulosamente construído. Também era gratificante saber que minhas ações como doadora haviam facilitado essa construção.

**(acima à esquerda)** Papagaio-moleiro (*Amazona farinosa*) no aviário.  
**(abaixo à esquerda)** Um dos aviários para treino quase complete na Área de Soltura Cambaquara.

**(acima à direita)** Evet Loewen alimentando um filhote de Tiriba-de-testa-vermelha (*Pyrrhura frontalis*).

**(no meio à esquerda)** Palmeiras jerivá (*Syagrus romanzoffiana*) para auxiliary a forragear na natureza.

**(no meio à direita)** Placa Área de Soltura e Monitoramento de Animais Silvestres Cambaquara.

**(abaixo à direita)** Filhote de Tiriba-de-testa-vermelha se alimentando.

## **Sobre a Autora**

**Evet Loewen** é advogada que exerceu legislação municipal por 30 anos na cidade de San José, Califórnia. A sua experiência legal incluiu uma grande variedade de questões legais, incluindo direito ambiental. Em 2005, Evet se tornou uma associada vitalícia do World Parrot Trust, em 2011 ela se tornou uma voluntária como conselheira legal para o WPT. No último ano o seu envolvimento no trabalho de conservação do WPT se expandiu para incluir apoio à solturas de psitacídeos na natureza, se concentrando em projetos no Brasil, Bolívia e Bonaire.

## **Legendas**

**(acima)** Ararajubas (*Guaruba guarouba*) interagem umas com as outras no seu recinto.

**(no meio à esquerda)** Um casal de Araras-azuis-grandes (*Anodorhynchus hyacinthinus*) em meio a comportamento de cópula.

**(No meio à direita)** Tiriba-de-testa-vermelha (*Pyrrhura frontalis*) descansa após um dia forrageando.

**(abaixo à esquerda)** Papagaios-moleiros (*Amazona farinosa*) degustando coquinhos de palmeira jerivá (*Syagrus romanzoffiana*).

**Aguarde a parte 2: Contagem regressiva para a soltura** na edição de Outono de 2015 da PsittaScene.

## PSITTANEWS

### **O Paradise Park dá boas vindas aos Periquitos-de-cara-suja (*Pyrrhura griseipectus*).**

Um grupo de jovens (*Pyrrhura griseipectus*) estão em exibição no Paradise Park, em Cornwall – os primeiros em um santuário de vida selvagem. Na natureza a população da espécie diminuiu devido à destruição do habitat, e a floresta original foi reduzida para apenas 13% devido à agricultura. Eles também sofreram enormemente pelos efeitos do tráfico.

O curador David Woolcock comenta, “Essa é uma nova espécie de psitacídeo para o Paradise Park. Esses jovens vieram do Zoológico de Chester, onde tem sido reproduzidos com sucesso. Também organizamos para que aves não aparentadas sejam pareadas com eles de modo a criar um grupo reprodutor no futuro. Estamos disponíveis para cooperar em criar uma população em cativeiro saudável devido a que o status da espécie na natureza é o de Criticamente ameaçado.

Paradise Park : [paradisepark.org.uk](http://paradisepark.org.uk)

### **Soltura de Periquitos-de-frente-laranja no pela primeira vez no continente Neo Zelandês.**

Os raros Periquitos-de-frente-laranja (*Cyanoramphus malherbi*) tem sido soltos na Nova Zelândia em uma tentativa de re-estabelecer uma população em um vale nas terras altas de Canterbury – uma vasta área do interior com planícies e riachos, montanhas e pastos.

Essas aves, nascidas em uma instalação dirigida pelo Isaac Conservation and Wildlife Trust, foram libertas no meio de Março desse ano na área sul Hurunui para aumentar o punhado de indivíduos remanescentes ali. O centro é o único a reproduzir essas aves, os mais ameaçados periquitos da área. A soltura foi possível devido ao trabalho intensivo do Departamento de Conservação durante a última década para controlar as enormes populações de arminhos e ratos, que devastaram a população de periquitos quinze anos atrás.

ICWT: [www.isaacconservation.org.nz](http://www.isaacconservation.org.nz)

## **Eventos**

### **Cruzeiro dos Admiradores de Pistacídeos 2015**

**Oeste do Caribe**

**25 de Outubro - 1 de Novembro, 2015**

Saindo de Nova Orleans, LA, os portos visitados incluem a Baía Montego, George Town e Cozumel nesse cruzeiro incrível! Além disso, o palestrante deste ano será Lara Joseph, treinadora, comportamentalista e especialista em enriquecimento do Centro de Comportamento Animal. Também na Isita deste ano: Joanna Eckles, da Audubon Minnesota, que irá falar sobre os projetos atuais do World Parrot Trust e de outros grupos ao redor do mundo.

Agende o seu lugar hoje!

[www.parrotloverscruise.com](http://www.parrotloverscruise.com)

## **Avian Discovery Tours**

### **Austrália**

**19 de Set. – 4 de Out. 2015**

Junte-se na aventura com a Avian Discovery Tours em uma emocionante viagem dos sonhos de admiradores de psitacídeos em 16 dias para observar os psitacídeos da Austrália! De bandos de periquitos australianos até cacatuas, os encontros com psitacídeos estão esperando!

Agende logo, já que o limite é de oito participantes. Além disso, uma porcentagem dos custos da viagem é doada diretamente para o World Parrot Trust, para apoiar os esforços na conservação de psitacídeos.

Saiba mais:

[aviandiscoverytours@gmail.com](mailto:aviandiscoverytours@gmail.com)

[www.aviandiscoverytours.com](http://www.aviandiscoverytours.com)

## **Oportunidades com psitacídeos**

### **Centro de Conservação para a Cacatua negra Kaarakin – chamado por voluntários**

Kaarakin é uma organização sem fins lucrativos localizada no Oeste da Austrália com o objetivo de salvar as Cacatuas negras, e elas estão necessitando de muita ajuda. Se você vive na área de Perth e tem experiência com cuidados clínicos de aves, o centro precisa de sua ajuda. Os voluntários da clínica devem se comprometer com um turno regular de 4 horas (ou mais se desejarem) no mesmo dia a cada semana.

Saiba mais: [kaarakin@kaarakin.com](mailto:kaarakin@kaarakin.com) [www.blackcockatoorecovery.com](http://www.blackcockatoorecovery.com)

## **Agradecimentos especiais**

O WPT e o Projeto Ara estão gratos a Mark Hagen, Diretor do Instituto Hagen para Pesquisa em Avicultura (HARI) no Canadá, pelas suas contínuas contribuições para a conservação de psitacídeos! Mark recentemente visitou o Projeto Ara em Punta

Islita, Costa Rica, trazendo com ele malas cheias de alimentos e vitaminas para psitacídeos. Em somatória aos produtos HARI, ele também doou uma quantia de 5.000\$ muito necessários para auxiliar o trabalho vital do projeto.

## **Errata**

Na edição de Primavera da PsittaScene, listou-se o link do Periquito-de-ventre-laranja de maneira incorreta. O projeto pode ser acessado no [www.facebook.com/orangebellingparrot](http://www.facebook.com/orangebellingparrot)

Acesse as edições anteriores em: [www.psittascene.org](http://www.psittascene.org)